

# A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE CRÍTICA DO CONTO GOIANO CONTEMPORANÊO

Wanice Garcia Barbosa (IFES)<sup>1</sup>  
Dr<sup>a</sup> Maria Terezinha Martins Nascimento (IFES)<sup>2</sup>

**Resumo:** Vários Contos da Literatura Goiana foram declarados de formas diversas do estudo semelhante à antologia, história e ao ensaio. Serão considerados na presente tese os contos Goianos, dando ênfase a crítica literária historiográfica e outras críticas em que se produziram títulos entre meados do século XX ao contemporâneo (Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Elis, José J. Veiga, Maria Aparecida Rodrigues, Maria Teresinha Martins do Nascimento). Pretende-se constatar a importância da leitura dos contos, tendo em vista as dificuldades enfrentadas para tornar a Literatura Goiana prática, funcional e atrativa. As leituras são rápidas e diminui o interesse pelo universo dos leitores proficientes.

**Palavra-chave:** **Historiografia; Conto Goiano contemporâneo; Crítica literária.**

**Summary:** Several Tales of Goiana Literature were declared in various forms of study similar to the anthology, history, and essay. The Goiana tales will be considered in this thesis, emphasizing the historiographical literary criticism in which titles were produced between the mid-twentieth century and the contemporary (Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Elis, José J. Veiga, Maria Aparecida Rodrigues, Maria Teresinha Martins do Nascimento). It is intended to note the importance of reading the short stories, in view of the difficulties faced in making Goiana literature practical, functional and attractive.

**Keyword:** **Historiography; Contemporary Goiano tale; Literature critics.**

## A literatura produzida em Goiás.

A historiografia quando no terreno da crítica literária, o que interessa e constatar que os fatores agem na organização interna, de forma a compor uma estrutura alegórica. Aceitando o fator social, procura-se determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, ideias, traços grupais e costumes), que servem de veículo para conduzir o corrente criadora; além disso, é unidade que atua na constituição da essencialidade da obra enquanto arte, contradições da histórica social, visão Marx, princípio fundamental para ele é salientar que sua filosofia representa um empreendimento modesto e restrito, que objetiva identificar, e trabalhar no sentido de desconstruir as contradições sociais que impedi o viver e o que seria a verdadeira vida humana, tendo toda a riqueza de nossos poderes corporais e espirituais. Não é o homem que determina sua condição de vida, mas suas condições materiais e históricas que determina. É neste sentido que o marxismo surge em oposição à pretensa neutralidade exposta pelo socialismo positivismo na seguinte síntese:

O marxismo foi a primeira corrente a colocar o problema do condicionamento histórico e social do pensamento e a “desmascarar” as ideologias de classe por detrás do discurso pretensamente neutro e objetivo dos economistas e outros cientistas sociais. Restava resolver a

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras - Crítica Literária (PUC-GO) contato: wanicegarcia@gmail.com.

questão espinhosa da aplicação do materialismo histórico a si mesmo – esboçada por Marx, mas insuficientemente desenvolvida (LÖWY, 1987, p. 99).

Marx ressalta que o condicionamento político-social este expresso em toda forma de transmissão do pensamento, os autores do presente estudo concordam com ele, quando relata a fragilidade frente a política imposta, denunciam inclusive a dominação masculina, apresentado personagens femininas secundárias, mas com falas que conota esta contraposição.

Serão considerados no presente estudo narrativas goianas, dando ênfase a crítica literária historiográfica em que produziram títulos entre meados do século XX ao pós-moderno (Hugo de carvalho Ramos, Bernardo Élis, José J. Veiga, Maria Aparecida Rodrigues, Maria Teresinha Martins do Nascimento). Este estudo tem o intuito de constatar a importância da leitura de contos e narrativas com vistas as dificuldades enfrentadas para se ter acesso à Literatura Goiana.

Os narrativos curtas especialmente exercem fascínio sobre leitores, o que facilita sua divulgação de um modo mais eficiente, pois é um excelente concorrente às novas tecnologias, nosso foco é o reconhecimento desta forma de escrever, buscando atingir um público de diversas idades.

A história e a arte são áreas que, ao se encontrarem criam discursos ora tensos, ora tranquilos, mas provocando um enorme gama de sentimentos, emoções e percepções que atraem o receptor. O conhecimento da história favorece o observador de uma obra cujo o foco é trabalhar com os elementos, ou seja, de forma considerá-los parte da produção artística, como constituinte temático, onde as personagens individualizado ou em sociedade, sejam apresentados dentro deste contexto histórico de forma temporal ou atemporal; seja para produção da historiografia do mundo da produção artística, a compreensão dos processos históricos, produtores de obras e autores no período das publicações e em suas manifestações posteriores

As obras apresentadas em formas de folhetins que favorece esse tipo de narrativa, remontam de tempos e tornou-se foco importante no século XIX e XX, quando a história da arte e a crítica têm estado mais próximas, o que foi um favorecimento de revisão tanto de uma como de outra, pois a crítica deixou de ser meramente formalista, voltada para os aspectos internos da obra, e a historiografia tem se voltado para esses aspectos, ressaltando a relação entre arte e sociedade, sem perder de vista a individualidade criadora

do artista que não é apenas um produto de uma sociedade numa determinada época. Como afirma Compagnon,

“...a crítica do historicismo não nos deve impedir de tentar penetrar, por pouco que seja, as mentalidades antigas e de nos submetemos às suas normas. Pode-se estudar o quadro e o ambiente da obra - seu contexto e seus antecedentes – sem considerá-los como causas, mas apenas condições. Pode se, sem ambição determinista, falar simplesmente de correlações entre os contextos, os antecedentes e a obra, sem se privar de nada que possa contribuir para uma melhor compreensão da mesma.” (COMPAGNON, 2003, p. 204)

O ser humano passou a ser encarado como objeto não como sujeito, o termo é utilizado por críticos em arte, para definir sobre o que se é feito sobre determinado tempo ou época. Assim, a ciência se fortaleceu e o homem deixou de ser um elemento produtor da história e passou a ser um produto.

Hugo de Carvalho Ramos<sup>3</sup>, escritor goiano que em seus contos começa a introduzir o fantástico e a romper com o modelo clássico, usando elementos que favorecem a imaginação a partir do real em 1917, publicou *Tropas e Boiadas*, coletânea de contos que até hoje permanece como uma das obras goianas mais festejadas, a obra toda é muito importante na construção social de Goiás e sua contemporaneidade, em seus contos surgem elementos não reais, mas sim ficcionais. Exemplo em festa de “São João” o diabo aparece e rouba a moça, antecipa o realismo fantástico. No seu conto “A Bruxa de Marinhos” observar-se elementos como o cuca, bruxa: “– Ah, sim, a bruxa... Essa, decerto, levou-a o cuca num pé-de-vento, à hora da meia-noite, pela sexta-feira do quarto minguante...”, elementos misteriosos. Observa-se a natureza como a personagem principal.

As obras de cunho sociológico/historicista têm como representante Bernardo Élis, Fleury de Campos Curado<sup>4</sup>. Ao propormos uma análise das interconexões entre literatura, história e sociedade, utilizamos a literatura como elemento fulcral para a construção do conhecimento dos fenômenos socioculturais. A obra de Bernardo Élis é bastante realista, revela mazelas e tragédias de uma sociedade marcada pela desigualdade e pela manipulação de poder. De maneira reivindicatória, elas agitam ante os olhos a realidade

---

3 Hugo de Carvalho Ramos, nasceu em 21 de maio de 1895, em Vila Boa, então Capital do Estado de Goiás. Iniciou seus estudos na cidade natal e depois foi para o Rio de Janeiro, onde, em 1916, matriculou-se na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.

4 Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, advogado, professor, poeta, contista e romancista, nasceu em Corumbá de Goiás, GO, em 15 de novembro de 1915, e faleceu no dia 30 de novembro de 1997, na mesma cidade.

“analfabeta” do Goiás sertanejo e esmiúça as condições de “subvivência” humana, como num apelo do homem esquecido dos governos, à mercê do poder e da dominação legitimada de seus senhores; O belo aqui possui uma roupagem exuberante na escrita, pois a paisagem foge do conceito clássico do belo, o belo estranho e mágico. Em sua obra “A enxada” traz semas “enxada” que se transforma em elemento mágico, sem ele a personagem torna-se frágil. D. Alice, personagem secundária, faz observações que a princípio passam despercebidas, mas no decorrer da narrativa tornam-se o fio condutor que levanta um importante questionamento: “Não sei adonde que Piano aprendeu tanto preceito” (Élis, 1966: 93), pois a personagem principal, Supriano, era rude e simples, mas de uma personalidade dócil e forte. Em a “Quadra de São José”, narra um burro que atravessa o rio, este era iluminado, os elementos estranhos e fantásticos são apresentados de forma metamorfoseados dando vida a paisagem do cerrado e ao elemento hora considerado objeto “homem”. Marx em sua tese de Feuerbach: “os filósofos trataram de interpretar o mundo, é preciso transformá-lo. Como?” “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.”, nestas duas citações de Marx percebe-se a transformação e não a evolução, pois transformar tanto pode ser para melhor ou para pior, já a evolução é algo crescente (positivo ou negativo) sem retorno.

A sociologia quando no terreno da crítica literária, interessa constatar fatores que agem na organização interna, de forma a compor uma estrutura alegórica. Aceitando o fator social, procura-se determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, ideias, traços grupais e costumes), que sirvam de veículo para conduzir a corrente criadora; além disso, é a unidade que atua na constituição da essencialidade da obra enquanto arte. Segundo Wittgenstein: “As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo”.

Em José J. Veiga<sup>5</sup> pesquisadores remetem-se a ideia de sua infância, uma vida ao ar livre: beira dos rios, de brincadeiras no quintal da propriedade dos pais, a família tinha dois cavalos, passeava frequentemente pelas chácaras e fazenda. Experiências que são retomadas na obra do autor (REZENDE, 2008, p. 137). José J. Veiga rompe com o estruturalismo sua obra provoca desassossego, e o coautor nasce, conceito de MARTINS,

---

<sup>5</sup> José Jacinto Pereira Veiga (1915-1999), que assinava suas obras como José J. Veiga, é goiano e nasceu em 1915 em uma fazenda localizada entre os municípios de Pirenópolis e Corumbá. Pesquisadores remetem-se a ideia de sua infância, uma vida ao ar livre: beira dos rios, de brincadeiras no quintal da propriedade dos pais, a família tinha dois cavalos, passeava frequentemente pelas chácaras e fazenda. Experiências que são retomadas na obra do autor (REZENDE, 2008, p. 137).

cada leitor terá uma impressão da obra, pois o final fica por conta deste. Percebe-se em sua obra a coerção social, o conceito de coerção do sociólogo Émile Durkheim:

“...a aceitação da realidade imposta de um fato social, de não poder ir contra, ou seja, uma força maior ou coercitiva sobre a vontade do indivíduo. Moldada conforme a sociedade ou grupo pensa ou faz, não existindo espaço para o individualismo ou independência tanto na sua forma de pensar e agir”

Até hoje é vivida este processo coercitivo, pois encontramos inseridos em uma sociedade onde se segue regras e imposições sociocultural, o que leva o leitor a pensar e refletir sobre o seu espaço na sociedade. Escreve de forma seca, diferente dos regionalistas, sem nenhuma ironia, mostra um mundo bruto de ocorrências estranhas, enquadrando na tradição mágica latina americana, vivia o tempo todo dentro da realidade que o definia (simples que valoriza a si mesmo), a crítica sempre o considerou um conciliador de culturas diferentes, pode-se ver em sua obra “*A hora dos ruminantes*” que dialoga com outros livros que completa suas outras obras, invadindo um uma paisagem, começou com a obra “*Usina atrás dos muros*”, O que tem lá? “*A máquina extraviada*” o que é isso? E em “*A hora dos Ruminantes*” quem? O que é? Quem são? O que gera estranhamento ao leitor. Não se considerava um latino-americano, dizia ser brasileiro, o estranho e o maravilhoso são extraídos do real, do folclore e da tradição, chamava isto de o “nosso maravilhoso”, algo original e criativo, espingarda de brinquedo que atira para matar, estaca que vira uma árvore, uma borboleta que traz uma mensagem, um riacho que cheio moedas, ele joga com maravilhoso que parte da realidade, em “*A hora dos Ruminantes*” os invasores ficam depois do rio e agitam, comentam e os moradores acabam por necessitar dos invasores, coerção social, primeiro os cães e depois os bois, o autor não traça uma explicação, este fantástico desarticula o tom solene da explicação do fantástico puro, sai o modo de reagir e agir com o estranho, cultura diferente, não acompanha a rotina do tempo, mas traz a precariedade e pobreza da sociedade. A obra pensa e compreende o significado da existência humana, toda obra é contaminada pelo momento, pela política. Os livros são de cunho políticos? Remete-se a ideia que foi contaminado, mas não é uma resposta política, e não é uma metáfora da política, o projeto mostra de forma mais profunda que quer criar desassossego, mostrar na ficção uma sociedade oprimida, pois “*A Hora dos Ruminantes*” foi escrito antes do golpe militar, pode-se perceber a influência do escritor Ralph Waldo Emerson (1803-1882) “seja qual for a linguagem que uma pessoa empregue ela só poderá dizer o que ela é”: Continuando

com o autor quando questiona a nossa relação original com o universo e a percepção da filosofia, tradição, religião e porque tudo não pode ser apenas poesia e não história.

*Why should not we also enjoy an original relation to the universe? Why should not we have a poetry and philosophy of insight and not of tradition, and a religion by revelation to us, and not the history of theirs?" " APUD MCMICHAEL P.446.*

Chamar a atenção dos leitores para os assuntos que lhe parece relevante, como a literatura, ciência e religião, dentre outros, ao longo do ensaio completo “não há livros salvadores, só escrevemos livros que pedem para serem escritos, não é uma tendência literária que marca o escritor, mas é o escritor que a enriquece, guarda o compasso dos que estão afastados do mundo” APUD MCMICHAEL P.446, a literatura da Veiga, o fantástico, o estranhamento e o mágico transforma o leitor/autor e autor/leitor, MARTINS.

Maria Aparecida Rodrigues<sup>6</sup> em sua obra “*cinzas da paixão*” mostra o abandono do malandro dos anos oitenta e noventa apresentando uma nova personagem criminosa, o violento e sem culpa, universalizado pelo poder das mídias, lembrar a fala de Walter Benjamin que relata o poder de guardar a imagens ou fatos, perde-se o prazer da experiência(aura) das vivências, pois se pode viver sem sentir (cinema, televisão, internet...). A obra em si provoca um efeito de mutação no leitor, o efeito que irá causar uma catarse, o belo passou a ter outra roupagem, ou seja, o belo está no modo de produzir e não na visualização, o leitor passa a ser também o autor da obra, e quando acaba a leitura morre assim, como o autor morreu ao finalizar sua obra, para ISER, O ato da Leitura vol.2, pg97: “Sendo uma atividade guiada pelo texto, a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este, por sua vez, é afetado pelo processo.” A obra psicanaliticamente falando, provoca nossa sobre o comportamento narrado pelo personagem em diálogo consigo mesmo, discutindo sobre seus atos violentos para que se sinta “desculpado”, o que nos remete as patologias; a beleza no ato: “As recordações de minha existência inteiro ficaram confusas. Imagino que sou uma vitrine móvel, coberta de espelhos (...), de figuras desconexas que sou eu e não sou.” RODRIGUES, o autor torna-se livre para expor o seu eu, na psicanálise o id (este não é maiúsculo? Id), fonte de prazer sem se esbarrar

---

4 Maria Aparecida Rodrigues, autora Goiana, natural de Rio Verde, GO. É professora do Curso de Letras da Universidade Católica de Goiás. Doutora em Teoria da Literatura e Mestre em Literatura Brasileira.

no superego, com isso rompe com o clássico e o estruturalismo; segundo BARTHES, Roland, p. 12/3 Prazer da leitura,

“A margem subversiva pode parecer privilegiada porque é a da violência; mas não é a violência que impressiona o prazer; a destruição não lhe interessa; o que ele quer é o lugar de uma perda, é a fenda, o corte, a deflação, o fading que se apodera do sujeito no imo da fruição. A cultura retorna, portanto, como margem: sob não importa qual forma.”

Esta obra se aproxima muito do autor inglês do século XIX, Lord Byron, em “*Portais de Anúbis*”, antecipa o fantástico, literatura que provocava estranhamento confronta o submundo de Londres em uma mistura surreal de mendigos, palhaços, feiticeiros todos organizados e praticantes de grotescos experimentos, tentando modificar a história da humanidade; mulheres disfarçadas horrendas, elementos fantásticos como lobisomem que matam e trocam de corpo com elas. Outro ponto em destaque é a forma engenhosa como Lord Byron consegue conduzir a trama, modificando acontecimentos e circunstâncias sem, contudo, alterar fatos da História, elemento a ser considerado quando o argumento envolve viagem no tempo. Maria Aparecida possui o mesmo enfoque em sua obra o que fascina o leitor, mesmo lhe provocando pavor, ele não consegue desvincular da leitura... “Duas ou três facadas. O outro nem se moveu direito. Silêncio! Nem um ronco nem nada. Dormi em paz.” Neste fragmento mostra que a personagem fala consigo mesmo sem o menor sentimento de culpa. O inconsciente marcado pelo Id, podemos dizer que neste sentido que o texto fale através de si mesmo, o texto não diz nada quem diz é o próprio leitor.

A escritora goiana, Maria Teresinha Martins do Nascimento<sup>2</sup> em *Rapto de Memórias*, vale salientar que o prefácio desta obra foi escrita pelo autor, José J. Veiga. Em sua narrativa encontramos elementos que mostram o prazer na colocação de determinados elementos da narrativa, as personagens não são nomeadas, é todo atemporal, próximo a reflexão sobre a existência onde os elementos da natureza se misturam ao imaginário ficcional, não existe uma estrutura fixa, no final da narrativa o leitor transforma-se em coautor, segundo BARTHER. P. 21/2,

---

5 José Jacinto Pereira Veiga (1915-1999), que assinava suas obras como José J. Veiga, é goiano e nasceu em 1915 em uma fazenda localizada entre os municípios de Pirenópolis e Corumbá. Pesquisadores remetem-se a ideia de sua infância, uma vida ao ar livre: beira dos rios, de brincadeiras no quintal da propriedade dos pais, a família tinha dois cavalos, passeava frequentemente pelas chácaras e fazenda. Experiências que são retomadas na obra do autor (REZENDE, 2008, p. 137).

“Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.”

Os elementos que compõem sua obra são leves e profundos, aqui voltamos ao prefácio de José J. Veiga, onde é impossível fugir da cultura e dos elementos que estruturam a sociedade, a paisagem e muito forte que funde com o inconsciente, conforme BARTHES justifica os textos, pois cabe ao leitor construir sobre os contos de forma a reescrevê-los, o que liberta também o leitor/autor, MARTINS.

“Por um momento secular consegui despegar-me de meu corpo e flutuar em minhas legítimas aspirações”, convite ao leitor à poesia através de cores, musicalidade a busca de seu próprio “EU”, “com o rio que, disparado como fecha, percorria, atravessava o tempo e se ancorava em mansas baías”, a busca de um tempo perdido, o que favorece a reflexão sobre a existência do reino da imaginação, através da arte captando as essências da percepção do mundo, captando assim as transformações do ser, vagando pela mistura o pós-moderno com ensaio filosófico e psicológico. Como cita na obra, MARTINS, 2010 “Existe o pós-moderno? Não faz diferença o sim ou não, a polêmica atualiza pontos, normas. Há a intenção de fazer um livro sobre nada e o livro do nada”; e assim perpetuando como um poema em prosa, “A sombra da mangueira entenece a alma daquele que chora pelo rio da sua aldeia”, MARTINS.

O que perturba o leitor, que tem o olhar tradicional, levando a uma reflexão de algo que lhe provoca o sentimento que somente são encontrados na percepção do mundo que o rodeia. A personagem é o narrador que assume diversas roupagens, ora se reveste de rio que no correr com um jogo semas (amor, ódio, tristeza, alegria, paz, reflexão) cheios de significações e recordações e este jogo nos remete forma de escrever de Clarice Lispector em “Água Viva”, “Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa.” comparação neste trecho com a autora Maria Terezinha “grandeza está na profundidade do olhar de quem me vê”, pois, “não é preciso ser o maior rio do mundo para ser espelho dos céus, mas é necessário argúcia no olhar para captar as profundezas

das águas, do ser, da vida”, a autora mostra o “Eu”, Rio Araguaia, e seu correr lavando toda a sua margem de forma universal, surreal, o sema água envolve o ser, o sagrado, a poética está neste trecho que lembra um sonho de pureza da alma, em toda a obra a leveza das matas, índios, a musicalidade, rufar dos tambores africanos, em tudo podemos sentir quem a pode-se ser, depende do leitor, pois não existe país, tempo, ou uma personagem definida. No livro *Imaginação*. pg 13, **SARTRE** mostra que:

“A imaginação ou o conhecimento da imagem vem do entendimento; é o entendimento, aplicado à impressão material produzida no cérebro, que nos dá uma consciência da imagem. Esta, aliás, não é posta diante da consciência como um novo objeto a conhecer, apesar de seu caráter de realidade corporal: de fato, isso remeteria ao infinito a possibilidade de uma relação entre a consciência e seus objetos.”

A história de cada um que construirá sua imaginação, ou seja, o leitor ideal tem o total domínio da obra, e a atemporalidade o favorecerá, isto ocorrerá nas obras destes quatro autores, sempre o inconsciente provocando catarse e percepções que transformará o seu consciente como relata o próprio Jean Paul Sartre, somos únicos e cada um nos verá de acordo com sua realidade consciente e inconsciente, a obra torna-se um domínio do leitor que se transformará no próprio autor da obra e assim sucessivamente.

As obras goianas não fugiram ao que acontece com a transformação da arte, onde o prazer, o Id, é o componente nato dos indivíduos, ou seja, as pessoas nascem com ele. Consistem nos desejos, vontades e pulsões primitivas, formado principalmente pelos instintos e desejos orgânicos pelo prazer; o ego surge a partir da interação do ser humano com a sua realidade, adequando os seus instintos primitivos (o Id) com o ambiente em que vive. O Ego é o mecanismo responsável pelo equilíbrio da psique, procurando regular os impulsos do Id, este encontra em “desequilíbrio” moldando assim a cara do superego, moral, através arte, pois o belo tem outras roupagens ele não se encontra mais na forma de se apresentar, ele se encontra na forma de ser e de como este ser será apresentado para o outro.

O papel da literatura no contexto ler é fundamental, pois é possível direcionar esta leitura para construção do pensamento ou vice-versa desconstrução. Conforme Dell’Isola (1988:38).

Ao compreender um texto, o leitor raciocina, O raciocínio é um movimento de pensamento, uma “inferência”, que comporta invenção e atividade do pensamento do indivíduo. O raciocínio não se reduz um

simples mecanismo de associação de ideias; isso se comprova ainda pelo fato de não haver raciocínio sem consciências das razões.

A crítica literária remete-se a ideia, que hoje o autor morre a partir do momento que sua ideia se esgota em um livro, e o leitor passa a exercer o papel fundamental de reviver estas ideias e começa assim um círculo, o leitor coloca-se na obra, tendo em vista a liberdade criativa do autor quando transcreve para o papel sua obra, com riqueza linguística onde é possível denotar a conotação através da repetição dando vida ao texto, como pressupõe o autor BARTHES, Roland;

"As boas maneiras de ler um texto, é chegar a tratar um livro como se escuta um disco, como se olha um filme... como se é tocado por uma canção: todo tratamento do livro que exigisse um respeito especial, uma atenção de outra espécie, vem de outra época e condena definitivamente o livro. Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não... não há nada a compreender, nada a interpretar."

A prova da mudança de postura diante da leitura é evidente, pois o leitor na maioria das obras tem o papel de finalizador da história, e conseqüentemente redução dos poderes autor. As obras goianas contemporâneas não fogem desta ideia do coautor, a paisagem, ou seja, o cenário, mas forma de escrever corresponde ao momento atual.

Expressam a liberdade do pensamento, que representa a realidade social e psicológica, permeada por imagens/enredos e não de conceitos científicos, elas condensam as contradições, os desejos, as angústias e as aspirações. Não cabe ao crítico apenas interpretá-las de acordo com critérios de cada abordagem escolhida, pois os modos de expressão que se desenvolvem na arte do verbo, inserem-se num conjunto de relações sociais.

Dentre os objetivos propostos neste trabalho a reflexão sobre estudo de novas bibliografias que serviriam de suporte para este e futuras propostas metodológicas, nos levaram a perceber a importância que a leitura tem sobre o leitor e de como ele pode ser tocado pela cultura da terra.

E possível melhorar propiciando um ambiente que valorize o meio sociocultural dos leitores através de estudo da literatura crítica que justifique a obra lida e que a reforce com obra de arte. Não se pode dispensar a literatura universal e brasileira, contudo focar, valorizar a literatura regional, aproximando os autores atuais e doutores em literatura dos

leitores, seduzindo-os para o regionalismo. Não importando se são históricas ou literárias, o imagético e apresentado acerca da realidade lembrando que a linguagem e a leitura são inseparáveis e estão no texto. A tríade entre a escrita, o texto e a leitura para saber quem fala? Porque fala? E para quem fala? Este terceiro vai depender do leitor e a sua paixão pela obra.

As músicas, teatros, jornais, livros, obras de artes, visitas a Museus, Galerias de Artes e grandes bibliotecas via internet leva leitores ao universo encantado do imaginário do que poderia e deveria ser e compreender as construções humanas, entendendo como se desenvolvem por acumulação, continuidade e ruptura de paradigmas, relacionando o desenvolvimento científico com a transformação da sociedade, pois a partir da conquista do conhecimento a dúvida e o que irá mover, a certeza acomoda, o que nos incomoda nos faz necessário, a verdade é a busca, sendo assim conseguimos formar leitores multiplicadores das coisas da terra.

### **Referências bibliográficas**

- ARRUDA, Francimar Duarte *Questão do Imaginário: a contribuição de Sartre* UFF BARTHES, Roland. (1996). O prazer do texto. Trad. I. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.
- BOSI, Alfredo. O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1975.
- COMPAGNON, Antoine. O Demônio da Teoria: literatura e senso comum. Tradução de: Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- ÉLIS, Bernardo. Veranico de Janeiro. RJ: J. Olympio, 1966.
- ISER, Wolfgang. O ato de leitura: uma teoria do efeito estético. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34,1996, v.2.
- J. P. Sartre, O ser e a Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica, Petrópolis, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura e a forma – reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp, JANOVITCH, C. S. Introdução. In: PROPP, V.I RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: Expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- MARTINS, Maria Terezinha, Rapto de Memórias. Goiânia – GO. Ed. Puc-Go. 2010.
- MARX, K. & ENGELS, F. A ideologia alemã. SP: Martins Fontes, 2002.
- SILVA, MCMICHAEL, George [Editor]. Concise Anthology of American Literature. 2a edição. New York: Macmillan, 1986. p. 446.
- RAMOS, Hugo de Carvalho, Tropas e Boiadas. Goiânia – GO. Ed. UFG- 8ª Ed. 1997.

RODRIGUES, Maria Aparecida, Cinzas da paixão. Goiânia – GO. Ed. UCG-Universidade. 2011.

VEIGA, José J. A hora dos ruminantes. São Paulo – SP. Ed. Bertrant, 1990.

SILVA, Delzy Imaginação: Uma Maneira Reflexiva da Natureza Humana. TCC da Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP, Caxias – MA.

\_\_\_\_\_. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília, 2007, no. 29, p. 27-53